

EXPOSIÇÃO MUNDIAL EM CONTAGEM DECRESCENTE

Fado intemporal de Sacadura

«O nosso passado ao espelho» em «O Céu de Sacadura», tragicomédia ambígua que se estreia hoje no Teatro D. Maria II

ELISABETE FRANÇA

Desde a escola primária, conhecemos Artur de Sacadura Freire Cabral (1881-1924) por Sacadura Cabral, famoso par do almirante Gago Coutinho na travessia aérea do Atlântico Sul (1922). Não é nesse feito, porém, que se centra *O Céu de Sacadura*, «tragicomédia ambígua» escrita por Luísa Costa Gomes, que antes abordou um projecto falhado, em peça com música (de Luís Bragança Gil), que Nuno Carinhas encena, João Ribeiro Mendes cenografa e Daniel Worm ilumina. É a estreia da noite em Lisboa, no Teatro D. Maria II e no âmbito do Festival dos 100 Dias: sessão gratuita hoje (às 21 e 30), Dia Mundial do Teatro, fica em cartaz até dia 5.

Do mar ao ar, da carreira naval à aviação, Sacadura Cabral — homem de projectos e realizações — sonhou nova viagem de circum-navegação, na rota aérea de Fernando de Magalhães. Gago Coutinho seria, de novo, seu navegador. Em dois anos a procurar financiamentos (1922-24), obteve adiamentos, oposições, indiferenças, distrações: de Portugal ao Brasil, do Governo ao Parlamento... E um americano fez a viagem. Dois meses depois, morria ele noutro, a bordo de um *fokker* despenhado no mar.



FINAL DE CENA. De cada vez, há um coro português vestido a preceito pelo figurinista-encenador

Foi a História. Tão emblemática do chamado destino nacional que, feita aqui teatro, adquire intemporalidade. «Intencional, até nos figurinos e adereços, porque a personagem histórica é pretexto para tratar a realidade nacional», sublinha Nuno Carinhas, que vê na peça «uma metáfora sobre os vários projectos portugueses,

onde «o segundo feito não nos diz respeito»». A autora achou que «este tema, pouco tratado habitualmente, como projecto de viagem falhado, era muito interessante para tratar por si mesmo». Tratou-o combinando poesia com desmontagem de lugares-comuns. Poética é, por vezes, a atmosfera, a luz. E ouve-se o

poema de Pascoaes dedicado a Sacadura Cabral, à «apagada e vil tristeza», pensa-se em Camões e Alexandre O'Neill, passando por Pessoa, ao ver o marinheiro em terra, para quem a *viagem* se tornou *cosa mentale*. O primeiro acto é algo «fantasmagórico» e povoado por uma Noiva Velha (Fernanda Alves). O segundo é-o menos,

introduzido por um narrador (João Grosso) e habitado pela Noiva Nova (Ana Bustorff).

Para Nuno Carinhas, há uma «fatalidade pequenina» nesta «saga à volta do poético, da basbaquice, da conversa ministerial, de tudo o que integra o nosso quotidiano». Face à mistura de géneros, dirigiu os actores num registo «sóbrio, enxuto», em espaço cénico que «é uma espécie de tapete com linha de horizonte pontuada por objectos simbólicos, de modo a não se cair na linha rasteira do lugar-comum que é desmontado: queria que fosse audível, mas numa forma brechtia-

*Intemporalidade
intencional e
personagem histórica
como pretexto para
tratar realidade nacional*

na». *O Céu de Sacadura*, texto e espectáculo construído na oposição fundamental entre o protagonista (Fernando Luís) e o mundo, é constelação de cenas não necessariamente cronológicas, que culminam em coros de sabor popular. Fragmentos que se vão ligando e compondo o que o encenador definiu como «rota que tem por linha do horizonte o nosso passado ao espelho».